

DIÁRIO DA CORA

DE LEVERKUSEN



Fotos de Cora Rónai

Perdidos na noite em Leverkusen

Onze da noite. Numa rua escura de Leverkusen (pleonasma: não há ruas iluminadas em Leverkusen a essa hora) uma van se aproxima vagarosamente de um canto. Lá dentro, cinco indivíduos debruçam-se sobre os notebooks que trazem ligados, enquanto um sexto dirige. A van anda um pouco para a frente: as pessoas observam os notebooks, trocam observações. A van pára, dá ré alguns metros e finalmente estaciona. Dentro do carro, a atividade torna-se febril: conseguimos encontrar um lugar onde nossas placas de conexão T-Mobile funcionam!

Xexéo precisa mandar a coluna, Ivo e Maia têm que mandar uma dúzia de fotos cada um, as três fotos da minha coluna, já reduzidas ao mínimo necessário para a impressão, ainda não chegaram ao jornal. Guarabyra, nosso craque em tecnologia, faz o papel de marisco, entre um grupo de jornalistas à beira de um ataque de nervos num lugar ermo em Leverkusen (pleonasma: não há outro tipo de lugar em Leverkusen) e uma redação estressada com o horário de fechamento no Rio.

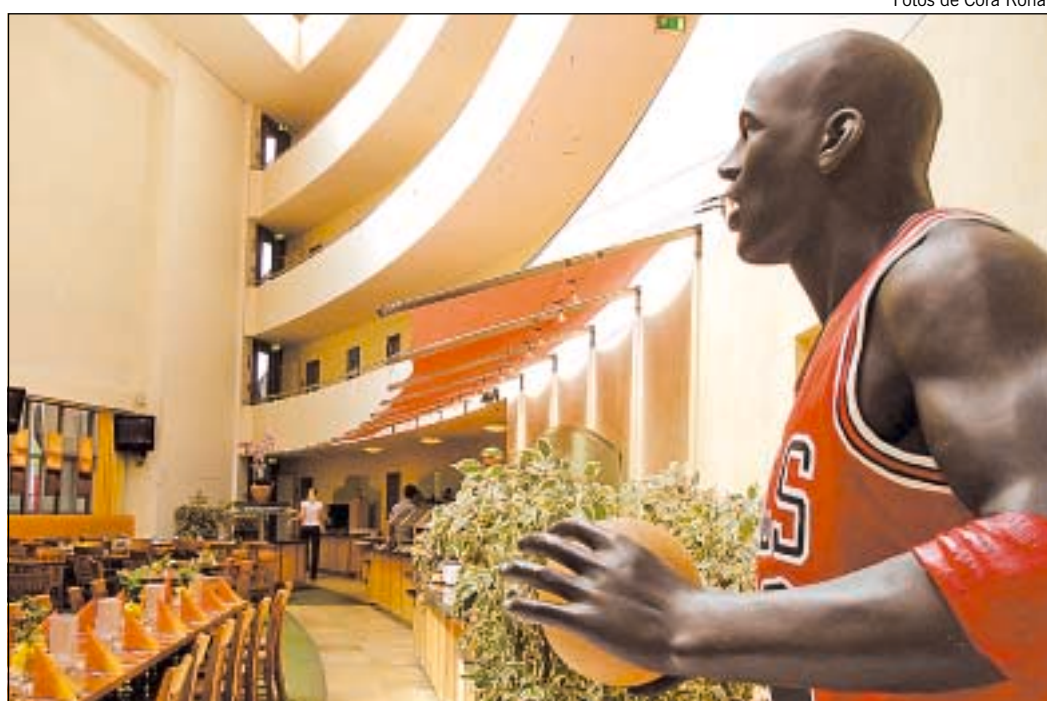
As plaquinhas que usamos são semelhantes ao Vivo Zap, isto é, são basicamente telefones celulares que, espetados ao computador, conectam-se à internet em banda

larga. A diferença é que o Vivo Zap funciona, e as plaquinhas da T-Mobile não. Na verdade, a T-Mobile consegue ser pior do que a Vodafone. Eu já disse que, aqui, Vodafone pronuncia-se *Fodafon*, não? Pois é.

É difícil de acreditar, eu sei, mas a vida online não é exatamente um campo de morangos aqui na Alemanha. Em vinte dias de viagem já vimos de tudo, até modems ISDN, tecnologia aposentada no Brasil há anos. Para mandar o texto da coluna do hotel de segurança máxima onde estamos detidos, digo, hospedados, tive que fazer uma conexão discada. Foi uma vitória, possível apenas porque sou uma mulher tecnologicamente prevenida, que não sai de casa sem um kit completo de cabos e adaptadores; ainda assim, era tão vagabunda a conexão, mas tão vagabunda, que na hora das famigeradas fotos, depois de esgotar o meu elenco de truques, corri para a Van dos Desesperados.

Honestamente, não entendo por que estamos passando por perrengues tão arcaicos. Não há um único problema que tenhamos enfrentado até agora — e não foram poucos — que qualquer presidiário carioca não tire de letra, com a maior facilidade. Depois, ainda falam do Terceiro Mundo.

Nem preciso dizer que, quando voltamos ao nosso aconchegante hotel, o restaurante já estava fechado e o room service não tinha um único prato quente para aquecer nossas almas exaustas. Fui dormir de estômago vazio e tão tensa, que se pusesse uma lâmpada na boca acendia. Agora, com licença, que vou lá no Walmart que o Maria descobriu a duas léguas daqui, comprar água mineral para os cabelos e gilete para os pulsos.



NOSSO HOTEL, pitorescamente situado dentro de um estádio de futebol, pertence a um time chamado Bayer Leverkusen. Parece que o time é de futebol, mas com essa decoração delirante, tenho sérias dúvidas. A única certeza: é horripilante



ATÉ AGORA,

ninguém entendeu qual é a do Lindner Bay Arena: aí ao fundo se vê o Calazans, perplexo com a Estátua da Liberdade que nos saúda na entrada

Grupo A

Explosão de cores

Festa da vitória alemã tinge as ruas de vermelho, preto e amarelo

Alexandra Beckstein/Reuters



A BANDEIRA alemã nos olhos da torcedora, em Berlim, e no alto de uma ponte (ao lado), em Frankfurt

Júlia Dias Carneiro

BERLIM

Finale, ô-ô, Finale, ô-ô-ô-ô!'. O grito de guerra dos alemães apostando na chegada da sua seleção à final foi o canto mais ouvido ontem na Fan Fest de Berlim, que recebeu 700 mil pessoas para ver a Alemanha derrotar o Equador no primeiro jogo da equipe alemã na cidade nesta Copa. Foi o público recorde da chamada Fan Mile, onde as cores da bandeira (preto, vermelho e amarelo) dominaram a paisagem entre o Portão de Brandemburgo e a Coluna da Vitória. E não só lá: o otimismo dos alemães tomou conta da capital desde cedo, com torcedores cantando pelas ruas, carros com bandeiras nas janelas e barulho de buzinas, apitos e cornetas, que se intensificaram após a vitória e se espalharam por várias cidades do país.

Ao meio-dia já se notava a migração em massa em direção à Fan Mile, que às 16h (horário local da partida) teve os portões de acesso fechados. Quem estava lá dentro não sentiu inveja dos 72 mil torcedores que estavam no Estádio Olímpico. O clima era de euforia e a platéia protagonizou momentos emocionantes — como o canto do hino alemão junto com a seleção.

Já o grito de guerra dos equatorianos — “Sí, se puede!” — na verdade não pôde ser muito ouvido. Berlim recebeu estimadas 14 mil pessoas do país, sendo que quatro mil tinham entrada para o estádio. Apesar de serem minoria, antes do início da partida eles não se sentiam intimidados:

— Vamos vencê-los de qualquer jeito — apostava o equatoriano Santiago Iniguez, com um grupo de 30 conterrâneos.

Após o jogo, era difícil reconhecer Berlim, tomada por torcedores que festejaram até de madrugada, nas ruas e nas estações de trem e metrô.

— Só vi a cidade tão enlouquecida assim na Love Parade (festival de música eletrônica que acontece em julho), mas nunca com tanta gente usando o preto-vermelho-dourado — disse a berlinese

Katrin Gernert, de 19 anos, usando uma peruca punk nas cores da bandeira alemã, além de levar bandeiras desenhadas nos olhos e na bochecha.

A nova liberdade para ostentar a bandeira alemã, o que antes era evitado pelo passado nazista, era exercitada pelos torcedores com muita imaginação: as cores estavam em perucas de palhaço, de punk, de roqueiro; em chapéus de viking, de guarda-chuva, de bola de futebol; em tatuagens; em cabelos e rostos pintados; e até numa camiseta “siamesa”, com espaço para duas pessoas, usada pela alemã Sílvia Semrad, de 42 anos, e seu marido.

— Passamos o jogo todo tentando andar sem esbarrar nos outros — contou ela, empolgada. — Essa atmosfera não dá para sentir pela televisão, é preciso estar aqui. ■

Roberto Pfeil/AP



TORCIDA EM festa nas ruas de Berlim: 700 mil pessoas na Fan Mile

Equatorianos ainda em festa

Graça Magalhães-Ruether

• BERLIM. Os equatorianos comemoraram a derrota de 3 x 0 ontem, para a Alemanha, como vitória. O motivo da alegria dos cerca de 14 mil equatorianos que estiveram em Berlim era a classificação, mesmo com a derrota, para as oitavas-de-final.

— Para o Equador, participar das oitavas significa muito mais do que participar da final para o Brasil — disse o publicitário Jorge Herrera, de Quito, pouco depois do apito final.

Carlos Alvarez, de Guayaquil, reconheceu que a derrota ofuscou a festa dos equatorianos.

— É incrível, mas com apenas duas vitórias já estávamos acostumados a nos sentir como uma seleção importante.

O treinador Luis Fernando Suarez admitiu ter subestimado os alemães ao escalar muitos reservas.

— Assumo a culpa, mas no próximo jogo vamos voltar à combinação do início da Copa — disse.

Gabriela Pazmino, da TV Telemazonas, do Equador, diz que as vitórias sobre Polônia e Costa Rica ajudaram a melhorar a auto-estima dos equatorianos.

